

Transcrição do Podcast Veja Bem - t01e10

Abaixo seguem as legendas utilizadas:

C=Professor Clóvis de Barros

F=Professor Carlos Ferrari

V=vinheta

L=Locução

F: eu, em hipótese alguma, iria me candidatar para uma vaga para piloto de caminhão.

c: Imagina um fulano subindo uma montanha com pedras na boca e, chegando no alto da montanha, proferindo um discurso.

V: Veja Bem: o podcast semanal para pensar a vida com outros olhos. Com os professores Clóvis de Barros Filho e Carlos Ferrari.

F: Nossa! Parece que foi ontem! Hoje nós chegamos no décimo episódio e eu quero iniciar saudando, homenageando as pessoas que trabalham pra esse conteúdo tão bacana chegar até você. Rafael Tavares e Luíde, na edição, Maurício de Souza na produção da capa, Marcela Heredia na coprodução, enfim, um time de espaço ético, de social soluções, time da ONCB, todo mundo fazendo esse trabalho artístico com qualidade que a gente espera muito que você goste. Quero também saudar o professor Clóvis. E, professor, hoje nós vamos falar de arte, um papo tão intenso, né? Um papo denso, que demanda múltiplos olhares... E eu quero te convidar pra gente começar esse papo falando, não sobre aquela arte que o senso comum tá acostumado a reverenciar, que é maravilhosa! No próximo episódio vamos falar... Mas sobre a arte que, por vezes, não é vista, não é percebida... Eu aprendi com o Prof. Clóvis, lá no Clássicos do Pensamento. Que alegria estar contigo!

C: Eh, Carlos! E aí, pessoal, nossos queridos ouvintes! Que alegria! Pois é, Carlos! A palavra Arte remete, mesmo, a *techné*. Isso é um pouco diferente, como você falou, do entendimento do senso comum, porque o nosso senso comum relaciona arte àquilo que, na verdade, são as belas artes, não é? É a pintura, é a escultura, a música, a literatura, o cinema... Mas poderíamos pensar em “arte”, como tudo aquilo que o homem produz para resolver seus problemas nas diversas situações de vida no mundo... Portanto, essa *techné* não é, ela poderia primeiro já resvalar para o artesanato e, depois, porque não dizer, para produção de utensílios que são indispensáveis e sempre foram indispensáveis na história da Humanidade, para o homem conseguir viver melhor e superar os limites da sua Natureza.

É sempre importante lembrar isso: enquanto um animal é cem por cento regido pela sua natureza e, portanto, conta com sua natureza para dar conta de todos os problemas que ele possa ter, o Homem é pobre de Natureza e, por isso, tem que ir além da sua natureza, para poder sobreviver. É por isso que, não tendo uma pele muito grossa, ele consegue fazer casacos e armaduras; não tendo asa, faz asas deltas; não tendo barbatanas e condições de nadar, faz pé-de-pato, faz escafandros. Poderíamos dizer que o homem tem uma competência, uma capacidade que é toda sua, de compensação das suas fragilidades naturais com a *techné*, com a produção de tudo aquilo que é necessário para a vida.

F: Olha que bacana! Essa reflexão do professor Clóvis nos leva a perceber que somos quase todos artistas... Porque tudo que a gente faz com excelência pode ser considerado, em alguma medida, arte. E aí eu quero te convidar a pensar na correlação “fazer” e “limitações”. Olha, eu, como pessoa cega, preciso ficar atento o tempo inteiro para essa correlação. Assim como eu, outros tantos há milhões de homens e mulheres que compartilham essa condição.

Porque, quando decidimos fazer, somos desafiados a fazer em um mundo que não nos oferece, na maior parte das vezes, ferramentas, métodos instrumentais, para poder desenvolver nossa excelência na plenitude. Mas aí eu quero destacar que isso não é uma choradeira. É simples, simplesmente compartilhar com vocês algo concreto e, a partir disso, contar que existe esse fenômeno em todos os cantos da sociedade. Porque, se nós pararmos para refletir sem grande esforço, vamos perceber que, em cada um de nós, existem limitações. A cegueira, muito mais aprende, muito mais óbvia; mas todo mundo traz consigo limitações que a sociedade não dá conta, na maior parte das vezes.

No caso de nós, pessoas com deficiência, pessoas cegas ou com baixa visão, o mercado desenvolveu a tal “tecnologia assistiva”. Por exemplo, se eu vou cozinhar é preciso fazer uma medida de alta precisão para cortar a gorgonzola para o risoto, eu preciso de uma balança, mas uma balança que fala. E é caro.

Outra solução é o desenho universal. Ou seja: produtos e serviços já são concebidos para qualquer pessoa usar. O teu smartphone, se você tiver um android ou ios, se entrar em ajustes, vai ver lá, em acessibilidade e, quando você clicar lá, vai ver que dá pra pessoas com distintas limitações poderem usar o equipamento. Vem de fábrica.

Mais um exemplo de desenho universal fascinante? O professor Clóvis e suas aulas. O professor Clóvis trabalha com a gente no Youtube, no Inédita Pamonha, no Veja bem, conhecimentos altamente refinados, densos, que vêm lá da Filosofia, da Grécia antiga e

de tantas outras perspectivas de produção de conhecimento. o professor Clóvis desenvolve aí, com toda sua habilidade, e um jeito desse conteúdo chegar pra todo mundo, né? Independente do repertório, ou seja, faz esse conteúdo chegar de maneira quase que universal, desde que a pessoa queira, obviamente, esteja disposta a acessar.

Professor, na medida em que a sociedade fecha os olhos pras diferentes limitações de cada um, ela acaba retardando ou até impedindo que cada vez mais pessoas possam ser artistas, nessa perspectiva bonita que foi nos apresentada agora, na sua primeira fala... A sociedade sufoca, na medida que ela desconsidera essas limitações e deixa de prover ferramentas metodologias, para que as pessoas possam pôr pra fora toda sua excelência?

C: Carlos, uma cidade justa é uma cidade que cria condições para que cada um dos seus cidadãos possa buscar as suas virtudes, formar o seu caráter; buscar a excelência do seu fazer. Evidentemente que isso não acontece em todo lugar, não acontece por muitas razões.

A primeira delas: nem sempre legisladores e governantes estão genuinamente preocupados e movidos pelo bem comum. E, muitas vezes, acabam encapsulados pelos seus próprios desejos e ambições e, com isso, perdem a dimensão de assegurar a todos uma vida digna. Essa é a primeira razão.

Mas há uma segunda razão. Eu penso que, da parte de cada um de nós, e haverá entre nós os que são cegos, haverá os que enxergam muito mal, mas haverá também, eu diria, apenados físicos de todas as índoles e de todas as naturezas, fazendo-me até acreditar que todos nós, de alguma maneira, temos algum tipo de limitação. Algumas mais escancaradas, mais óbvias; outras, menos visíveis a olho nu, mas também em muito relevantes. E é por isso que eu sempre acreditei que uma das virtudes ligadas a Pequena é aquilo que eu poderia chamar de disciplina.

Dado que, na maior parte dos lugares a sociedade, como um todo, não ajuda muito, é imprescindível que cada um possa lutar com as armas que tem. E é muito interessante porque a palavra “disciplina”, ela nos remete à palavra “discípulo”. E é muito interessante porque, na disciplina, podemos dizer que somos ou nos tornamos discípulos de nós mesmos... Em outras palavras: pela disciplina, nós nos tornamos nossos próprios professores, nossos próprios treinadores, técnicos, orientadores... Através da disciplina, nós nos multiplicamos; através da disciplina é que nós aprendemos a contar conosco mesmo, na hora de viver no mundo, interceder sobre o mundo, interagir com o mundo e produzir aquilo que nos parece e nós é, de fato, mais fundamental para viver no mundo.

Eu queria destacar aqui, Carlos, se você me permitir, um caso muito interessante que é o caso de Demóstenes. Demóstenes para contemporâneo de Aristóteles e Demóstenes tinha uma pretensão. Ele queria muito ser um grande orador. Mas Demóstenes não era, assim, dotado por natureza para isso. Demóstenes tinha, digamos, dificuldades de fala. Eu não vou usar algumas expressões que tanto ofendem os nossos amigos com esse problema, então, vamos nos limitar às dificuldades de fala, que já foram tanto objeto de ironia, de sarcasmo, de deboche no humor de antigamente... Então nós não precisamos reforçar. Demóstenes, com essas dificuldades de fala, o que foi que ele fez? É Plutarco que nos conta.

Demóstenes começou a falar colocando pedras na boca. Ele acreditava que a sua pronúncia inarticulada, né? A sua pronúncia claudicante, fosse superada e tornou-se mais distinta porque ele havia treinado falar com pedras na boca.

Então o que fez Demóstenes? Complicou a sua dificuldade. Ele aumentou a sua dificuldade. Ele radicalizou a sua dificuldade para que, obtendo perfeição e excelência nessas condições, ele conseguiria, sem essas pedras na boca, digamos, articular normalmente. Articular de maneira compreensível e com isso vencer, com disciplina, aquilo que lhe era, num primeiro momento, um obstáculo aparentemente intransponível. Como se não bastasse, Demóstenes fazia seus discursos depois de subir montanhas correndo. Portanto ofegante.

Então, imagina o fulano subindo uma montanha correndo, com pedras na boca, e chegando no alto da montanha e proferindo um discurso. Então ele se exercitou de tal maneira, que quando ele se viu em condições normais, sem pedras na boca e sem ofegar, ele conseguiu falar de maneira muito eloquente, muito satisfatória e merecedora de aplauso.

Tá aí um exemplo de disciplina. É muito interessante, porque, lá na nataçāo de antigamente, poderíamos dizer que o exemplo de Demóstenes estava presente todo dia. Porque nós usávamos palmar, que era uma espécie de espátula na mão, pra complicar a vida, pra tornar a remada mais difícil, mais complicada, e alguns de nós ainda usávamos pijama, camiseta, meia, pra encharcar, aumentar o peso e, com isso, aumentar a dificuldade. Para quando essas dificuldades fossem eliminadas, as condições de performance e de desempenho exitoso aumentaram significativamente.

Então eu queria lembrar essa relação da *techné* com a disciplina, e a disciplina entendida numa perspectiva de discípulo de si mesmo e, portanto, mestre de si mesmo; treinador de si mesmo, ou seja, alguém que, no íntimo da sua força de vontade, supera obstáculo e

consegue fazer coisas, e mesmo em condições inicialmente complicadas. Era essa um pouco a minha intervenção, Carlos. Eu te devolvo a boca e eu queria saber de você: como você enxerga essa história que eu acabei de contar do Demóstenes, né? Das pedras na boca? Junto da nossa condição. Porque, no final das contas, não é impossível que muitos de nós coloquemos uma dificuldade de natureza como um obstáculo tal, que nos impeça de realizar coisas que queremos realizar; que nos daria prazer realizar; que nos traria orgulho de nós mesmos realizar. Eu acho que nós, através da disciplina, podemos superar muitas das dificuldades que a Natureza nos brinda.

F: Essa história é fantástica! Porque, se por um lado é importante a gente destacar o quanto que a sociedade perde por não desenvolver soluções que dê respostas às nossas e tantas outras limitações, também é importante pensar quanto é transformador fazer coisas que, um dia, disseram que não, que alguém te disse “não”.

Na época da faculdade, professor, eu vivi uma situação inusitada: eu fui pra uma entrevista de RH na metalúrgica. Eu cheguei lá, a mulher ficou muito impactada. E a primeira coisa que ela disse:

- Mas por que você não avisou no currículo?

Eu tentei quebrar o gelo:

- Avisar o quê?
- Sobre a sua cegueira.
- Mas a vaga não me apresentava nada que dissesse que seria importante falar da cegueira.

E quando eu respondi isso, ela me devolveu um silêncio... Um silêncio constrangedor, que foi protagonizado por alguém que não estava preparado pra saber o que eu dizer diante disso.

A gente restringir a oportunidade de alguém fazer algo apenas pela condição humana, é um crime contra as oportunidades do mundo. É claro que existem limites e esses limites, em geral, são reconhecidos por quem vivencia a limitação.

Por exemplo, eu em hipótese alguma iria me apresentar a uma vaga para piloto de caminhão, mas, com certeza, uma mulher hoje pode fazer isso. E, como dizem as pessoas relacionadas a esse trabalho, vai ser uma irmã caminhoneira, algo, até outro dia, impensável: uma mulher desenvolvendo essa e tantas outras funções.

Fazer o que, por vezes dizem para nós não fazermos, é revolucionário. No nosso caso, ir para cozinha, manusear, trabalhar com fogo, poder dar uma aula pra uma sala. Já cheguei

a lecionar para 150, 170 alunos, lá no Ítalo, Curso Tecnólogo. E os alunos, no primeiro dia:

- Nossa, como você vai ser, o professor é cego!

E a gente ia quebrando o gelo. Tudo isso é fascinante, porque nos enche de potência para dar o próximo passo e, em alguma medida para os outros tantos que estão ao nosso redor que também é possível dizer “eu quero fazer”, fazer o contrário do Bakhtin, dizer “Eu prefiro não”, e superar, no melhor dos sentidos, não a deficiência, mas os “nãos” que a sociedade nos coloca.

Diante de tantos “nãos”, professor Clóvis, é possível dizer que nós vivemos como os livros nos apontam, na era do Conhecimento, ou ainda o conhecimento por vezes é colocado em segundo plano, em nome de velhas crenças?

C: Ah, Carlos... Penso que o mundo de hoje, que muitos têm chamado de pós-moderno, ele é pós-moderno justamente por isso: porque ele abriga, dentro dele, de tudo. Ele abriga cientistas de altíssimo padrão, cientes dos seus limites, mas que vão no topo da inteligência do Homem, para entender o mundo e resolver problemas da Humanidade. Você tem, no mesmo mundo, pessoas aferradas à narrativas antigas já sabidamente vencidas, superadas pela inteligência do Homem. Esse mundo em que nós estamos, é um mundo cheio de bolhas. E no interior dessas bolhas, não temos, evidentemente, gente de todo tipo. É muito difícil falar qualquer coisa do mundo de hoje, porque estamos reduzindo a sua complexidade, reduzindo a sua riqueza. Seja enaltecendo o mal e, com isso, fazendo injustiça a tanta gente boa, seja enaltecendo a bondade e, com isso, fazendo ignorar a crueldade, a perversidade de tantos humanos que conosco coabitam.

Eu estou convencido de que a superação é fundamental, mas ela não sai de dentro de nós... Não devemos nos superar para esfregar na cara de quem quer que seja uma competência que o outro não acreditava possível. Devemos nos superar, para dar uma satisfação a nós mesmos da nossa possibilidade de aperfeiçoamento e do nosso real triunfo sobre o sarrafo anterior.

Ninguém conhece melhor o nosso desempenho do que nós mesmos. Portanto, somos, necessariamente, os avaliadores mais exigentes do nosso desempenho. E é por isso que, quando nós contamos com aquilo que fizemos, é porque verdadeiramente nós subimos um degrau; ganhamos em perfeição; ganhamos em lucidez. Ganhamos em desempenho. Ganhamos em excelência, e isso é, no final das contas, dar a nossa própria vida, instante a instante, a sua maior dignidade.

Quando nos contentamos com menos do que podemos, quando regredimos, quando não vamos adiante, quando nos satisfazemos com menos do que podemos realizar, aí, sim, cometemos uma grande heresia; uma grande ofensa a nós mesmos, porque tiramos de nós a possibilidade de uma vida de uma vida pujante, de ir o mais longe possível, dada a nossa natureza. É por isso que, no final das contas, quando, lá no oráculo de Delphos, você lia, ali na entrada "conhece-te a ti mesmo", né? A continuidade dessa frase era essa: "conhecendo-te a ti mesmo, conhecerás todas as coisas do universo e todos os deuses." Porque não há nada em lugar nenhum, nenhum, que você não possa encontrar dentro de si mesmo. E é por isso, essa vida empenhada na busca de uma excelência, dadas as condições materiais, orgânicas, biológicas que são as nossas, a maior satisfação e o maior prêmio que nós podemos dar para nós mesmos.

V: O "Veja bem" é editado e conta com locuções de profissionais cegos ou com baixa visão.

Quer conhecer a rádio da Organização Nacional de Cegos do Brasil e apoiar esse trabalho? É só baixar o app da rádio ONCB na sua loja android ou IOS. Para apoiar e conhecer a Organização, acesse o site:

www.oncb.org.br/doacao

Rádio ONCB. ONCB - Todas as vozes em uma só rádio... O som de todas as vozes.

F: Que coisa boa! Que coisa boa não chegarmos perto do final desse episódio, refletindo sobre a possibilidade de, antes de ver a vida com outros olhos, olhar pra si mesmo, olhar agora o que é o momento. A gente já falou disso em muitos episódios. O momento de fazer o que quer que seja, é agora, no presente! E olhar pra si mesmo, descobrir esse artista que pode fazer pão, que pode pintar, que pode tocar um instrumento, que pode dar aula, que pode transformar um texto lido em algo interpretado com sentimento, transformar uma simples história em algo que desperte emoções, sorrisos, e lágrimas...

Olhar pra vida com outros olhos, é descobrir, como bem disse o professor, que podemos ser discípulos de nós mesmos... E viver o Agora sem qualquer promessa do que possa vir depois que acabar a pandemia, depois que mudar de emprego, depois de terminar o curso, depois que mudar o relacionamento... O artista tá pronto pra despertar, né verdade, professor? E tá pronto pra entregar pro mundo coisas incríveis que por vezes são negligenciadas por medo, por um montão de gente dizendo "não", cê não vai conseguir fazer, deixa pra que outro faça, você não tem a mínima condição... E se você olha pra si e descobre que você pode dizer "sim", não pra ninguém, mas pra si mesmo, é bom demais.

Eu tento fazer isso todos os dias, porque, como eu disse no início, a deficiência nos desafia. E, por vezes, a sociedade reconhece nisso uma espécie de heroísmo, que é tão terrível quanto a pena gratuita, né? Não é, nem heroísmo... É simplesmente a vontade de seguir vivendo, de seguir vivendo, entregando pro mundo algo tão bom, quanto o mundo nos entrega quando a gente recebe a oportunidade de viver.

Falando em oportunidade, eu quero, mais uma vez, agradecer o professor Clóvis de Barros Filhos pela parceria. Fazer o Veja Bem é verdadeiramente algo prazeroso e, sem qualquer medo de errar, artístico, na medida em que a gente coloca aqui várias ideias na mesa, conecta, costura e chega no final sempre com um gostinho de “quero mais”.

Se você quiser mais, volta na semana que vem, que nós vamos estar por aqui... Toda segunda-feira com vocês, sempre convidando a ver a vida com outros olhos. Até a próxima semana, professor Clóvis.

C: Querido Carlos... Na hora da Arte, na hora da *Techné*, o mais importante é você realizar quando tudo tiver acabado, você se alegrar consigo mesmo, porque você pode ser causa da própria alegria. E quando nos alegramos porque flagramos em nós algo de bom, um desempenho excelente, uma produção ativa, a esta alegria Espinosa denomina “orgulho”: alegria que tem como causa um atributo flagrado em si mesmo. Que possamos nos orgulhar daquilo que fazemos. Que possamos olhar para aquilo que fazemos com alegria, com respeito, por ter certeza de termos tirado de nós mesmos o melhor. Fazer bem o que se faz, eis aí o lema do artista.

F: Valeu, gente, até a próxima! Um abraço!

C: Valeu, um abraço!

V: Esse conteúdo foi trazido até você por meio da parceria entre Espaço Ética e Social Soluções. Quer saber mais sobre cada um de nós? Visite os nossos sites:

www.espacoetica.com.br

www.socialsolucoes.com